

A *episteme* e a opinião no projeto pedagógico de Platão*Terezinha Duarte Vieira*

Doutoranda em Filosofia e História da Educação pela Unicamp

Resumo

Este texto pretende compreender o lugar da *episteme* e da opinião no projeto pedagógico de Platão. Para isso, faz-se uma discussão sobre a poesia no contexto da *paideia* poética para evidenciar o aspecto da transmissão oral como preservação da história. Debate-se, também, sobre as matemáticas, retórica e virtude demonstrando como esses objetos do conhecimento são concebidos pelos sofistas. Ao mesmo tempo, procura-se entender, o sentido que Platão dar na *paideia* platônica aos conteúdos já presentes na *paideia* sofística. Tal estudo parece ser útil para compreender a maneira como Platão arquiteta e inova o discurso do projeto pedagógico do seu tempo, o qual se fundamenta, também, na relação entre opinião e *episteme*. Tema presente na obra *A República*, em específico no livro VII.

Palavras chaves: Platão; *Episteme*; Opinião.

Abstract

This text intends to comprehend the locus of *episteme* and opinion in Plato's pedagogical project. Therefore, it is necessary to discuss the role of poetry in the context of poetic *paideia* in order to emphasize oral transmission as a mean for preserving history. Subjects such as mathematics, rhetoric, and virtue are also approached to demonstrate how, as objects of knowledge, they were conceived by the sophists. At the same time, there is an attempt to understand the meaning Plato gives in his *paideia* to the contents that were already present in sophistic *paideia*. Such a study appears to be useful for comprehending the way Plato architects and reinvents the discourse of the pedagogical project of his time, which he substantiates, also, in the relation between opinion and *episteme*, investigated in the *Republic*, specifically in Book VII.

Key words: Plato; *Episteme*; Opinion.

Introdução

Este texto pretende demonstrar que o programa educacional de Platão, composto por objetos e formas do conhecimento estavam presente na educação tradicional, não obstante, Platão dar um novo enfoque e sentido aos velhos saberes e as velhas formas de apreensão. Para desenvolver essa ideia inicia-se discutindo o sentido da filosofia na *paideia* platônica a fim de destacar sua função no contexto da teoria do conhecimento. Desse modo, explica-se os níveis, formas e objetos do conhecimento que compõe a teoria das ideias platônicas.

A seguir faz-se uma discussão sobre a poesia no contexto da *paideia* poética, é uma discussão de muita envergadura, entretanto, como o objetivo do texto não é aprofundar nessa questão. Limitou-se em evidenciar o aspecto da transmissão oral que a poesia teve para a preservação da história e a crítica de Platão em relação ao caráter educativo que a poesia representava no período arcaico. Posteriormente, debate-se sobre as matemáticas, retórica e virtude demonstrando como esses objetos do conhecimento são concebidos pelos sofistas. Falar sobre os sofistas exige-se pesquisas e estudos aprofundados em razão das raras fontes que se tem sobre esse movimento que, ao mesmo tempo, é um movimento que se constitui como raro é fundamental para a história da educação e da filosofia. A dificuldade em tratar dos sofistas aumenta porque é um debate que a maioria das fontes se limitam as interpretações de Platão, um grande crítico de Platão. Dado a complexidade daquele tema e do objetivo deste texto, trata-se destacar aspectos ligados aos conteúdos dos sofistas a fim de demonstrar parte seguinte deste texto, o sentido que Platão dar na *paideia* platônica aos conteúdos já presentes na *paideia* sofística.

Finaliza-se o texto fazendo uma associação entre a educação moral, as virtudes, e a educação para demonstrar que o projeto pedagógico de Platão está relacionado com a dimensão mais ampla do homem e da cidade que é formar o homem justo para governar a polis.

1. O sentido da filosofia na *paideia* platônica

A *paideia* platônica é o caminho educacional arquitetado por Platão cujo objetivo é ensinar o homem a conhecer o mundo sensível e o inteligível a fim de que esse tenha capacidade de transitar do primeiro para o segundo nível. O primeiro passo da aprendizagem platônica, segundo Platão, deve ser o conhecimento do mundo sensível. Baseado em Brisson (2010), esse é o primeiro grau do conhecimento e apresenta objetos que são perceptíveis pelos sentidos. Eles são divididos em gênero dos reflexos, dos objetos fictícios ou imaginários que só podem ser conhecidos por conjectura (*eikasía*). Como também, em objetos de corpos naturais ou técnicos que se conhece por crença ou convicção (*pístis ou dóxa*). Para conhecê-los,

precisava habituar, julgo eu, se quisesse ver o mundo superior. Em primeiro lugar, olharia mais facilmente para as sombras, depois disso, para as imagens dos homens e dos outros objectos, refletidas na água, e por último, para os próprios objectos. A partir de então, seria capaz de contemplar o que há no céu, e o próprio céu, durante a noite, olhando para a luz das estrelas e da Lua, mais facilmente do que se fosse o Sol e o seu brilho de dia (Platão, *A República*, 516b).

Segundo Jaeger (2003), a visão é o mais solar dos nossos sentidos, mas a capacidade de ver provém principalmente da luz que o Sol difunde. Ele é a fonte de luz que permite a visibilidade do mundo sensível, para ver a realidade das coisas é preciso direcionar o olhar para a luz. A elevação do olhar é o início do movimento de ascendência que atinge seu ponto áureo quando o olhar gira para a posição correta e alcança o segundo grau do conhecimento, o mundo inteligível. Nesse nível os objetos são perceptíveis pela inteligência e dividem-se em objetos do pensamento e objetos inteligíveis. A forma de conhecer tais objetos acontece mediante a razão discursiva que procede de hipóteses (*diánoia*) e pela intuição intelectual (*episteme ou nóesis*), respectivamente. Dessa maneira culmina na verdade e no Bem, consoante a Jaeger (2003) a ideia do Bem está relacionada com o Sol e ambos apresentam duplo sentido. O Sol é a fonte de luz que torna

visível o mundo sensível, do mesmo modo é o Bem, como fonte da verdade e da cognoscibilidade torna cognoscível o mundo inteligível. Explica:

o nosso conhecimento do Bem não é o próprio Bem, do mesmo modo que a capacidade de visão do nosso olhar não é o Sol. Mas assim como o olhar é o mais *helióide*, o mais solar dos nossos sentidos, o saber e a verdade são os mais *agatóides*, os mais afins da forma prototípica do Bem. Todavia, a comparação lança mais longe ainda a sua luz. Ao mundo visível não dá o Sol apenas a visibilidade, mas ainda, embora ele próprio não seja tal, o nascimento, o crescimento e a nutrição. Pois, analogamente, também o mundo do cognoscível não recebe da ideia do bem só a cognoscibilidade, mas ainda o ser, embora o Bem em si não seja o Ser, mas algo superior a ele pela sua posição e pelo seu poder (p.872).

De acordo com Platão, o ato de girar o olhar não é natural, é um hábito que deve ser ensinado e cultivado desde a infância. Nesse sentido, é a educação que ensina o homem a sair do mundo das aparências e passar para a esfera do saber e da verdade. Corrobora Platão:

A educação seria, por conseguinte, a arte desse desejo, a maneira mais fácil e mais eficaz de fazer dar a volta a esse órgão, não a de o fazer obter a visão, pois já a tem, mas, uma vez que ele não está na posição correta e não olha para onde deve, dar-lhe os meios para isso. Acho que sim. Por conseguinte, as outras qualidades chamadas da alma podem muito bem aproximar-se das do corpo; com efeito, se não existiram previamente, podem criar-se depois pelo hábito e pela prática. Mas a faculdade de pensar é, ao que parece, de um carácter mais divino, do que tudo o mais; nunca perde a força e, conforme a volta que lhe derem, pode tornar vantajosa e útil, ou inútil e prejudicial. Ou ainda não te apercebeste como a deplorável alma dos chamados perversos, mas que na verdade são espertos, tem um olhar penetrante e distingue claramente os objectos para os quais se volta, uma vez que não tem uma vista fraca, mas é forçado a estar ao serviço do mal, de maneira que, quanto mais aguda for a sua visão, maior é o mal que pratica? Absolutamente. Contudo, se desde a infância se operasse logo uma alma com tal natureza, cortando essa espécie de pesos de chumbo, que são da família do mutável e que, pela sua inclinação para a comida e prazeres similares e gulodices, voltam a vista da alma para baixo; se, liberta desses pesos, se voltasse para a

verdade, também ela a veria nesses mesmos homens, com a maior clareza, tal como agora vê aquilo para que está voltada. (*A República*, 518d-519b).

A filosofia é o objeto do conhecimento da educação que exercita a faculdade de pensar para alcançar a essência de cada coisa sem buscar apoio no mundo concreto. “É a lei de que devem, sobretudo, aplicar-se à educação pela qual se tornarão capazes de interrogar e de responder de maneira mais sábia? Estabelecê-la-ei, juntamente contigo” (Platão, *A República*, 534e). A intuição intelectual é a forma de conhecimento que realiza a passagem da esfera do sensível para a inteligível.

2. Poesia: tipo de conhecimento do mundo sensível

A poesia representa o início da história grega e ainda que os poetas não tivessem consciência do valor estético e educativo ela demarcou na civilização, segundo Platão, uma *paideia*. Moreau (1978) já afirmara que desde tempos remotos a educação como obra da tradição vem transmitindo de geração a geração, ainda que de modo inconsciente e não sistematizada, valores, costumes e técnicas às gerações mais novas. A poesia era o ensinamento que divertia, sensibilizava e historicizava. As crianças eram educadas para recitar poesia, memorizar textos dos poemas de Homero que fazia referência às façanhas dos heróis. Eram padrões para serem seguidos e imitados, advinham dos grandes poetas, os mensageiros dos deuses. A poesia teve caráter de transmissão oral composta de tradições que estavam embutidas nos poemas e que conseqüentemente se transformou em fé e crença de um povo e de um tempo. Compreensão presente em Rodrigo (2006):

Depositário da memória social e instrumento de educação das novas gerações, o enredo poético era permeado por conhecimentos úteis e prescrições sobre os mais diversos aspectos da vida social: éticos, políticos, históricos, hábitos e costumes, rituais diversos e até mesmo conhecimentos técnicos. A oralidade marcou profundamente a própria produção poética. As obras de Homero, os primeiros poemas escritos não eram para serem lidos, mas declamados. A educação dos cidadãos se fazia ouvindo e memorizando trechos, principalmente da *Iliada* e da *Odisséia*, que eram recitadas tanto de

modo privado por parte dos pais e anciãos nos rituais familiares, como em locais públicos, teatros ou praças, quando a declamação era feita por profissionais – poetas ou rapsodos. Afinal, a eficácia da poesia como instrumento educativo dependia da recitação constante e reiterada, única forma de preservar do esquecimento aquela tradição cultural (p.525).

O valor educativo da poesia é o aspecto criticado por Platão e, por conseguinte, segundo Rodrigo (2006), Platão faz uma depuração dos poemas e afirma que eles são miméticos porque seu conteúdo não corresponde com a verdade, os poetas escrevem em suas poesias imitações da verdade, logo, “a começar por Homero, todos os poetas são imitadores da virtude e de todos os assuntos sobre os quais compõem, permanecendo distante da verdade” (Rodrigo, 2006, p.533). Nesse sentido é que se estabelece a crítica de Platão em relação ao valor educativo da poesia já que nesse período a instrução moral da Grécia se constituía por meio dos poemas de Homero e Hesíodo. É o aspecto da moral dissociado da poesia, que Platão analisou e fundamentou sua crítica. Segundo Platão, as poesias provocam emoções exageradas e arrebatadoras como gemidos, lamentos e risos. Em razão disso, a poesia desencadeia nos jovens a propensão para o mal, isso para Platão são consequências pedagógicas e assim, admite sua eliminação do estágio filosófico da educação. “A exclusão total da poesia em nome da razão remete, inevitavelmente, à dissensão entre filosofia e poesia, duas formas inteiramente diversas de conceber a educação da alma” (Rodrigo, 2006, p.537).

Há nessa discussão de Platão a demonstração da *eikasía* como a primeira forma de conhecimento. A poesia no plano da imitação e da aparência é o tipo de conhecimento que faz parte do mundo das sensações e do tangível, ela não dar conta de exprimir a verdadeira essência da realidade porque está no nível mais baixo do conhecimento. Utilizá-la como conteúdo implica conhecer um aspecto da realidade, do mundo, das pessoas e das coisas haja vista que representa a aparência das imagens, sombras e reflexos. A poesia, oculta as outras faces da realidade, do saber e da verdade, por isso, ensinar por meio da poesia implica em ficar circunscrito no mundo do visível.

3. As matemáticas, a retórica e a virtude: as *opiniões* dos sofistas

Na *paideia* poética a palavra era pronunciada e transmitida pelos poetas como verdade absoluta dos deuses. No contexto da Atenas democrática a palavra ou o discurso é objeto do conhecimento que é gerado e debatido pelos homens, a universalização da palavra demarca nesse contexto uma mudança de concepção que tem como centro, o homem. As inovações que marcaram o período de Péricles não se limitaram apenas na participação dos cidadãos a desejarem a assumir cargos públicos, alcança a valorização da educação, da cultura e a busca do melhoramento do homem. Foi um período que implicou em um período de novidades, nas artes, na literatura, e na nova educação que passa a ter como excelência humana, ou *areté*, o discurso bem articulado e convincente.

Chamados de mestre da *areté* foram os sofistas, povos viajantes que atraídos pela democracia atenienses ensinavam a arte de falar bem associando técnica e prática. Os sofistas se voltam para as questões práticas do homem e criadores do ofício profissional. Baseado em Moreau (1978), os sofistas eram especialistas do saber, não representavam uma escola de pensamento porque os saberes que ensinavam eram diferente, cada sofista ensinava assuntos distintos, esclarece Moreau (1978),

A primeira era baseada na gramática, retórica, dialética que se destinava a formação geral para a técnica. A segunda era a educação da matemática que visava a preparação para a carreira política. E a última, encarava o problema da educação sob seu aspecto mais largo e mais elevado, relacionado a uma necessidade social cuja urgência era universalmente sentida. Tinha como propósito ensinar a virtude, pois segundo a tradição a virtude era herdada das gerações anteriores pertencentes apenas as classes aristocráticas, pessoas de bem. E essa terceira concepção de *paideia*, defendida pelo sofista Protágoras buscava formar homens de bens por meio de uma educação moral (p.26).

O ensino das matemáticas como ciência da aplicação é precisa e infalível, não há instrumento universal que assegure a adaptação exata do pensamento das coisas. No que se refere a linguagem é o instrumento da comunicação eficiente na ordem das relações sociais. Os sofistas

entusiasmavam-se porque “o maior número de sofistas tenha feito repousar a educação geral no estudo racional e na utilização metódica da linguagem, na arte de dizer bem, nas técnicas das palavras que assegura o êxito nas discussões” (Moreau, 1978, p.26). A retórica sofística consistia em formar o político para ter sucesso. O conteúdo que os sofistas se apropriam é a prática, habilidade que é a técnica argumentativa. A educação estava voltada para a vocação profissional, para a habilidade política para a arte retórica que implicava no exercício da linguagem. Um bom político teria que ser capaz de falar com inteligência sobre uma variedade de assunto.

O último conteúdo que fazia parte dos ensinamentos dos sofistas era o ensino das virtudes, a educação moral. Segundo Moreau (1978), ensino das virtudes era uma necessidade social urgente e universalmente sentida e requisitada no contexto da Atenas democrática. Protágoras, o sofista mais respeitado por Platão, afirma que a moralidade não consiste num saber, essa compreensão denota fragilidade e indignidade crítica. Platão questiona a ausência de relação entre a instrução e conhecimento verdadeiro dos valores e fins, “a moralidade, se não repousar num saber, não tem fundamento sólido” (Moreau, 1978, p.27).

Há divergências entre o ponto de vista de Platão e dos sofistas acerca do ensino da virtude. Para os sofistas a virtude é uma técnica que pode ser ensinada. Diferentemente, Platão concebe a virtude como ciência e como conhecimento, por isso, pode ser ensinada. Já como é compreendida pelos sofistas, objeto de estudo profissional, a virtude não pode ser ensinada. É pela via filosófica que é possível conhecer a virtude como excelência humana. Diz Moreau (1978),

Se a virtude não fosse ciência, ou por outra, se a moralidade não estivesse fundada em princípios, no conhecimento de um ideal e das razões supremas da ação, não poderia haver virtude estável, nem educação moral segura e eficaz. Esse conhecimento é o saber mais elevado, o ápice da educação geral da *paideia*. Sem ele, a moralidade tradicional, reduzida a uma opinião vacilante, não poderia ser regenerada; e a instrução matemática, ou os estudos dialéticos, não chegariam a formar senão técnicos sem alma, ou políticos sem escrúpulos. Mas esse saber supremo apresenta caracteres muito

particulares, que o opõem a todos os outros, e fazem, comumente, duvidar de que seja saber verdadeiro. O conhecimento do Bem, com efeito, o conhecimento dos fins que devem dirigir a conduta, não é assimilável ao conhecimento dos objetos (p.27-28).

As matemáticas, retórica e a virtude na perspectiva sofística apresentam formas de compreensão que estão no plano da *dóxa*, são conteúdos que conforme aparecem em alguns *Diálogos platônicos* não são provados porque não se preocupam com a verdade. Platão por meio de seu método dialético de interrogar a multiplicidade dos conceitos para chegar a unidade e a essência refuta as opiniões dos sofistas. Desse modo, tais saberes, conforme Moreau (1978) já estavam instituídos na polis quando Platão ainda era jovem.

4. As matemáticas, retórica e virtude: antigas opiniões e uma nova ciência

O aspecto inovador presente no projeto pedagógico de Platão é a dimensão que as matemáticas, retórica e a virtudes apresenta na *paideia* platônica, saberes já instituídos na cidade. Em Atenas do Século IV. a.c..Platão não é o primeiro e nem o último que exercitou a profissão de educador e que propôs um ideal e método de educação. Todavia, “ninguém, antes dele, se havia aplicado em reconhecer em que circunstâncias a ação educativa se impõe, a que exigências deve corresponder, em que condições é possível: foi o primeiro em ter uma filosofia da educação” (Moreau, 1978, p.21).

Segundo Rodrigo (2006), Platão é ao mesmo tempo crítico e reformador da educação tradicional. Desse modo é que as matemáticas, a retórica e a educação moral como objetos do conhecimento são cultivados no plano do entendimento e da inteligência para o alcance da verdade. Parece que o projeto pedagógico de Platão é inovado com base nesses três saberes que constituirão a nova *paideia*, entretanto, pela via do entendimento, pois esse é o caminho para alcançar a inteligência ou *episteme*. Estruturado por etapas, seleção e preparação o sistema educacional de Platão entende que para aprender a ciência dialética, a filosofia, exige-se conhecimentos preparatórios. As matemáticas,

principalmente a geometria é o objeto de conhecimento que apoiadas em hipóteses e formas geométricas buscam o entendimento e cultivam o raciocínio. Esclarece:

Seria, portanto, conveniente, ó Glaucon, que se determinasse por lei este aprendizado e que se convencessem os cidadãos, que não de participar dos postos governativos, a dedicarem-se do cálculo e a aplicarem-se a ele, não superficialmente, mas até chegarem a contemplação da natureza dos números unicamente pelo pensamento, não cuidando deles por amor à compra e venda, como os comerciantes ou retalhistas, mas por causa da guerra e para facilitar a passagem da própria alma da mutabilidade à verdade e à essência (*A República*, 525b-c).

O ensino das matemáticas já fazia parte da tradição, Platão se contrapõe a perspectiva reduzida da aplicabilidade que era usada esta ciência no seu tempo, amplia e inova o sentido dessa ciência. Jaeger (2003) analisa que Platão,

vê nos números um saber que orienta de modo especial o nosso pensamento para o campo dos objetos que procuramos, que arrasta a alma para o Ser. É desse ponto de vista completamente novo que Platão enfoca o valor cultural da aritmética e de todas as matemáticas. São as matemáticas que devem despertar o pensamento do homem (p.898).

O cultivo do entendimento no plano de estudo propedêuticos deve iniciar “desde crianças que devem aplicar-se à ciência do cálculo, da geometria e todos os estudos que não de proceder o da dialética, fazendo que não sigam contrafeitos este plano de aprendizado” (Platão, *A República*, 536e). Ensina que tal conhecimento é um movimento lento e nesse processo propõe que desde a tenra idade o homem seja iniciado ao hábito de ver o mundo visível com os olhos do entendimento. Nessa perspectiva que Platão sugere que,

é com problemas, portanto, que nos dedicaremos à astronomia, tal como à geometria; e dispensaremos o que há no céu, se quisermos realmente tratar

de astronomia, tornando útil, de inútil que era, a parte naturalmente da alma (*A República*, 530c).

Os problemas matemáticos como objeto de conhecimento é proposto por Platão como método prático e divertido de ensinar desde a infância o hábito de ver o mundo visível por meio do entendimento. Já alertara para “não eduque as crianças no estudo da violência, mas a brincar, a fim de ficarem mais habilitado a descobrir as tendências naturais de cada um” (Platão, *A República*, 537a). Nota-se que o pensamento é uma forma de conhecer o mundo visível sem ficar limitado nele mesmo, isto é em suas formas aparentes, sensíveis e tangíveis. Nessa lógica, as brincadeiras como meio de ensinar a criança modifica o seu sentido sensível que é a diversão pelo prazer das sensações; e, passa a se constituir como um momento também de iniciação intelectual. Tal interpretação pode ser conferida por Jaeger (2003), admite que:

embora Platão já antes se tivesse pronunciado contra a concentração dos estudos filosóficos num período de poucos anos e na primeira mocidade, isto não quer dizer, como agora vemos, que ele renuncie à pretensão de a formação intelectual do homem começar em tenra idade. É logo na própria infância que o ensino das ciências matemáticas, a *propaideia*, deve começar. Em contrapartida, toda a iniciação prematura na cultura espiritual tropeça com um obstáculo enorme: a falta de interesse da criança em aprender (p.915).

A retórica se configura inovadora na *paideia* platônica no sentido de ser concebida como o diálogo questionador e refutador de opiniões. O método dialético é o saber supremo, o acesso à verdade mais elevada, indica caminhos para a iniciação intelectual fundamentada em conhecimentos que cultivam o pensamento e a inteligência desde a tenra idade. É por meio do exercício discursivo do pensamento que se alcança a verdade, o saber e a essência do segmento sensível e do inteligível. Conforme Brisson (2010), a dialética é o meio de conhecer o que se é por meio do diálogo e da interrogação, alcança a essência de cada coisa sem buscar apoio no mundo

concreto. É por meio do método da dialética que o homem passa do mundo sensível ao inteligível.

A virtude é compreendida no pensamento platônico como ciência e conhecimento que pode ser ensinada é classificada conforme as necessidades naturais e sociais de cada cidadão. Assim, para a classe produtiva, toda a cidade, a virtude que deve ser ensinada é a temperança que corresponde a moderação e o autodomínio. Aos guerreiros, soldados militares, a virtude deve ser a coragem, específica desses homens que irão julgar os perigos temíveis. Aos governantes deve ensinar a sabedoria prática, a ciência que pondera e delibera com base na razão sobre o que é bom ou mal. Conhecida também como prudência, a sabedoria conduzirá a ação dos governantes que governarão as partes da cidade para que elas se mantenham ordenadas e se estabeleça a justiça. Em conformidade com Platão a justiça assume nesse contexto sentido cívico, necessário a harmonia da cidade, como também sentido micro, porque “um homem é justo do mesmo modo que é justa a cidade” (Platão, *A República*, 441d). Logo, a raiz da justiça está na dimensão micro da cidade, no homem. Justifica Platão:

Ora somos nós que temos de tomar precauções em relação a todos esses casos. Se formos buscar homens de boa constituição física e intelectual, para educarmos nestes estudos e treinos, a própria justiça não terá nada a censurar-nos, e salvaremos a cidade e a constituição. Mas, se trouxermos para estas atividades pessoas sem valor, obteremos o efeito exatamente inverso, e desejaremos sobre a filosofia uma onda de ridículo ainda maior (*A República*, 536b).

O conceito de justiça apresenta uma dimensão cívica e individual, o ordenamento e a harmonia da cidade tem sua origem, portanto, no interior do homem, isto é, na sua alma. O sentido de alma nesse contexto é entendido como sede da razão, princípio de movimento. Platão estabelece, então, relação entre as dimensões da alma e divide a alma em racional e irracional. A irracional é a parte arrebatadora, preguiçosa e covarde, ela se subdivide em irascível (emocional) e concupiscível (apetitiva). O guardião nesse contexto deixa de ter sentido de militar e guerreiro e passa a assumir um

sentido mais amplo, o governante, é aquele que harmoniza ou correlaciona as dimensões da alma porque reconhece a irracionalidade da alma e a mantém subordinada pela dimensão racional para conseguir frear, ponderar e manter o ajuste e o equilíbrio.

5. O homem justo

O Programa educacional aos candidatos-filósofos tem como objetivo central formar o homem justo para assumir o governo da cidade justa e feliz. Com base no conceito de que justiça consiste: “em conservar cada um o que é seu e fazer o que lhe compete” (Platão, *A República*, 434a). Platão hierarquiza os saberes de acordo com os diferentes segmentos sociais existente na cidade. O primeiro segmento constituído da grande maioria, a classe produtiva, não precisa de nenhuma educação específica, por isso Platão não se preocupa com a educação dessa classe. O segundo segmento, composta pelos guerreiros, soldados militares, os saberes indicados são a poesia, o mito e o teatro, o suficiente para ensinar essa grande massa. O objeto de conhecimento que comporá a educação do homem que governará a cidade justa é a ciência da dialética, ou a filosofia a “lei de que deve, sobretudo aplicar-se à educação” (Platão, *A República*, 534e). Platão, então, convida a pensar a educação dos governantes tendo a filosofia como a fonte da verdade e da cognoscibilidade. A cidade justa precisará do governo-filósofo para cuidar, formar, guardar e governar, diz Platão:

que os filósofos cheguem a reinar nas cidades ou que os denominados reis e potentados se ponham a filosofar seriamente e em profundidade, vindo a unir-se, por conseguinte, o poder político e a Filosofia, e que sejam afastados à força os indivíduos que se dedicam em separado a cada uma dessas atividades, não poderão cessar, meu caro Glauco, os males da cidade, nem, ainda, segundo penso, os do gênero humano. Antes disso, não se concretizará no mínimo nem verá a luz do sol a constituição cujo traçado acabamos de esboçar. Era isso o que há muito eu receava declarar, por ver como destoa da opinião comum. É difícil compreender que de outra forma não poderá haver felicidade, nem pública nem particular (*A República*, 473d-e).

A filosofia ocupa lugar por excelência na educação dos governantes. Justifica Platão (2003), é um processo que destrói as hipóteses e conduz ao princípio para alcançar o Bem. Nesse caminho, a filosofia será para o governo-filósofo como,

paradigma, para ordenar a cidade, os particulares e a si mesmos, cada um por sua vez, para o resto da vida, mas consagrando a maior parte dela à filosofia; porém, quando chegar a vez deles aguentarão os embates da política, e assumirão cada um deles a chefia do governo, por amor à cidade, fazendo assim, não porque é bonito, mas porque é necessário (*República*, 540b-c).

A finalidade educativa da *paideia* parece ter seu ponto crucial aqui, que é a possibilidade de ensinar o homem reverter o lado da alma irascível e concupiscível para o lado racional. O Programa Educacional proposto por Platão revela possibilidades de refletir a educação associada com a ética. O governante-filósofo, portanto, deve ser conduzido pela melhor parte da alma, a razão para equilibrar e ponderar a outras partes da alma. Isso implica dizer que o projeto pedagógico de Platão para formar o homem justo tem como ponto de partida o estabelecimento da harmonia e a associação entre as partes da alma que compõe o homem, e como consequência a harmonia da cidade.

Posto isso, percebe-se as razões pelas quais a filosofia se justifica como a ciência por excelência que deve conduzir o governante-filósofo. Tal excelência de homem é coroada “quando tiverem cinquenta nos, os que sobreviverem e se tiverem evidenciado. [...] e forçados a inclinar a luz radiosa da alma para a contemplação do Ser que dá a luz a todas as coisas” (Platão, *A República*, 540a). É que efetivamente se tem o filósofo selecionado para governar a cidade justa e feliz.

Considerações finais

Platão nasceu, viveu e morreu em um período marcado pela ascensão e declínio de uma época efervescente, polêmica e enfraquecida. É contra esse contexto, a Atenas democrática, que Platão escreve a *República*, procurando

dar uma resposta a uma democracia que se apresentava como anarquia. Segundo Chauí (2002), a política platônica será, portanto, antidemocrática. A crítica à democracia ateniense e a busca por soluções políticas do mundo grego foram preocupações centrais de Platão. A *República* representou do ponto de vista metafísico uma maneira de Platão pensar, enfrentar e responder as questões que estavam presente no seu tempo.

A relação entre educação, política e ética é uma associação fecunda para pensar a formação do homem e parece ser uma fonte inesgotável em todos os tempos. De outro lado, não há como negar a habilidade de Platão em arquitetar seu pensamento com base em conhecimentos instituídos, nesse aspecto são muitos os autores que criticam Platão, contudo, isso revela sua genialidade em incorporar em sua tese elementos da tradição. Esse aspecto é demonstrado de diversas formas nas obras de Platão, todavia, este texto procurou realçar do ponto de vista das formas e dos objetos dos conhecimentos a tradição e a inovação no projeto pedagógico de Platão. Sobretudo, porque a dimensão que as matemáticas, a retórica e a virtude são compreendidas na contemporaneidade parece estar mais próxima da utilidade, do pragmatismo e do instrumentalismo sofisticado do que da perspectiva humana e filosófica de Platão.

A fertilidade da obra não se esgota nos objetos e formas do conhecimento estendem-se no espaço que a filosofia ocupa na formação do homem. Assim, o desafio do filósofo é conhecer a filosofia para transitar entre o mundo sensível e o inteligível. Em diversos momentos, Platão revela essa prova a qual está submetido o filósofo, ver a luz do sol e retornar para conviver com companheiros e governar a cidade é um embate interno para o filósofo. Tais enfrentamentos demonstram o valor que a razão exerce sobre o homem, afastando-o de suas emoções e decisões individuais em um ambiente de convivência. Se o homem não conduz a visão e as ações para a verdade ele fica preso no mundo sensível, dos prazeres e das paixões. O peso de chumbo contido em ações desordenadas e desequilibrada inclina a vista, alma e atitudes para o mundo do tangível, da aparência e para baixo. O projeto pedagógico de Platão é um convite para refletir os dilemas atuais

relacionado a formação do homem com os olhos voltados para a verdade, talvez assim se vê com mais clareza.

Referências

BRISSON, Luc e PRADEAU, Jean-François. *Vocabulário de Platão*. São Paulo: Editora WMF: Martins Fontes, 2010.

CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história da filosofia: dos Pré-Socráticos a Aristóteles*. Vol. I. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

MOREAU, Józeph. *Platão e a educação*. In: Chateu, Jean. Os grandes pedagogistas. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1978.

PLATÃO. *A República*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 7ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

PLATÃO. *A República*. Trad. Carlos Alberto Nunes - 3ª edição. Belém: EDUFPA, 2000.

RODRIGO, Lídia Maria. Platão contra as pretensões da poesia homérica. In: *Educação & Sociedade*. Campinas, vol. 27, nº 95, maio/ago, 2006.